

Autor: Mônica Maria de Andrade Torres Portugal – Maiêutica Florianopolis

Título: De um algo ao gozo

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

---

Sigo um percurso pensando em termos de uma alegoria do Projeto e da carta 52 de Freud; assim como em Lacan postulando uma clínica do Real (refazendo o estatuto da Psicanálise?); Ou, talvez, dê no mesmo, pois é de algo vivo que se dobra e redobra, que se cifra e decifra, que se faz sentido e sem sentido, que é a condição para toda determinação e é o próprio indeterminado. É de um gozo ou um al-gozo que se trata. Esse algo é um idêntico e diferente - *aliud* do latim implica o um e o outro, *alius*, *alium*. Ele era envolto em uma Coisa, ele era a Coisa mesma. Ele “era” num real primordial, antes do *big bang* que deu à luz ao ser da linguagem. Mas não se deve entender esse “ser” do al-gozo como uma existência, pois ele só passa a ser depois de se haver como perdido. Bem, se há uma idéia científico-naturalista em Freud do Projeto e se esta remete a John Stuart Mill ou Brentano, pouco importa, entre os dois, fico com Hegel, pois é forçoso que o começo seja o fim e o fim o começo – é do **especulativo** que não se pode fugir para dar vazão a essa lógica de começo/fim. Penso que essa pode ser uma via para articular **corpo e angústia**, porque essas constituições são extensões uma da outra, diante da noção de contato com cada uma delas, feita pela mediação do gozo.

Disse de um percurso, percurso que arremessa o que se fez corpo contra suas fronteiras, inflando bordas, tornando tudo borda, numa conjugação que circula entre as dimensões do real, do imaginário e do simbólico. Esse percurso tem início a partir de um ser sem borda, de um indeterminado para um algo. Algo que se fez necessário por uma perspectiva de começo e começo é Coisa. Coisa que já se fez borda, porque algo pulsa e arremessa do repouso ao movimento, da afirmação que no tempo que faz borda, traz em seu bojo uma negação, pois ao estar lá numa determinação é porque já em si se diferencia de outro algo. Algo que passará a ser mediado por algo que já desapareceu antes de surgir, mas que deixou sua marca na carne. É uma aventura e tanto e eis que do algo, que se pretendia inteiro, se fez gozo. Gozo de início e gozo de fim. Tanto faz se se trata de uma linha reta, trazendo

os cinco pontos de sua trajetória, iniciando com o gozo perdido; seu ciframento no Isso; seu deciframento no Inconsciente; o sentido no pré-consciente e o gozo do decifrado (fazendo uso da leitura freudiana de Nestor Braunstein, Gozo, pg. 190, Escuta); tanto faz juntar as duas pontas da linha e formar um círculo, formar três círculos e pensar segundo o viés topológico de Lacan. Talvez seja inescapável. É do gozo que se trata, ou o real do real que expelle a substância gozosa e que permite a clínica do impossível, a clínica do real, e aí remeto a um dos questionamentos que nos instigam nessa presença: o que se faz ao analisar? Ou o que fazemos quando estamos em análise? Talvez, graduando o gozo!

Lacan passou do “desejo do homem é o desejo do Outro” ao desejo do homem como advindo da dimensão do gozo, ou seja, o gozo como causador do desejo. Nesse encontro causal, permanece presente uma contradição (a qual enseja o suporte desse processo), pois ao gozo se opõem o desejo e o prazer e assim é que Lacan desenvolve sua concepção de gozo e o insere como mola a ser manejada no trabalho psicanalítico. Mas, afinal, o que é o gozo? Há uma graduação do gozo – de um gozo inteiro a um gozo fragmentado, permissivo? Nada que se diga pode agarrar o gozo a partir de suas entranhas, tampouco dissecá-lo a ponto de se concluir: eis – aí o gozo! O que se pode tentar é falar do que cerca o gozo. Então se fala em clínica do real no último Lacan e ele dizia que nenhum conceito psicanalítico pode ser fixado no tempo. Essa afirmação tem a ver com a evolução das formas clínicas? Afinal, se no início de seu ensino, abordando as facetas do desejo, centrado no simbólico, Lacan passa para uma clínica do real, isso quer dizer que ele leu novas formas clínicas, ou simplesmente é um novo nome para o que já existia, o que é dizer, a nomeação lacaniana, a partir da queda do grande Outro?

O ponto de partida do gozo é sua própria impossibilidade de coexistência com a linguagem, com a palavra que lhe faz corte; mas há um gozo anterior à linguagem, o gozo do ser, gozo da Coisa, que, por sua vez é efeito da linguagem, que introduz a falta e que se separa dela. O que vem primeiro? O que há é um efeito retroativo, ou seja, só se “diz” a Coisa a partir do fato da linguagem.

Comecei o percurso falando que no início era um “*al-gozo*” para designar que havia *um algo*, um gozo da **Coisa** ou a Coisa mesma, um gozo do corpo. E a palavra vem provocar essa explosão criadora/destruidora. Criadora da possibilidade de desejo,

enfim, de vida e, ao mesmo tempo, destruidora do que antes reinava em berço esplêndido, um **nada!** Ivan Correa (A Escrita do Sintoma, pg.121,2006, Cef-Recife) informa que “A busca dessa origem é um mero operador que não livra o sujeito de se deparar com a angústia de castração. Sua organização em sintomas tem a ver com a ausência de representação da origem”. Esse nada irrepresentável atravessa o corpo, dá vida ao corpo porque **se mantém**, como **nada**, como espectro, no **objeto causa do desejo**, no que Lacan fez a notação de **objeto a**, o qual, por sua vez, traz essa herança de gozo, portanto, objeto de gozo, ou, o que dá na mesma, “**o gozo causa o desejo**”, conforme apresentado por Valas (Patrick Valas, As Dimensões do Gozo, 2001, pg.68, JZE).

E essa origem se apresenta como um Real (Ivan, obra citada, pg.121), um real que remete à identificação ao sintoma. Há um gozo inteiro que se desprenderá desse corpo disforme, massa bruta que sofrerá um corte, uma perda, uma falta. **Mas nesse corpo nada falta. É falta hipotética** ancorada na linguagem, pela impossibilidade de dizer da experiência da completude anterior. Esse processo ancorado no dizer de Nestor Braunstein fica assim emoldurado “A palavra tira o gozo do corpo e se encarrega de dar corpo ao gozo, outro corpo, um corpo de discurso.”(Nestor B., Gozo, pg.74). Ora, gozo absoluto antes da fala, corte na carne, a palavra, e universo gozante novamente? Há um antes e um depois, há uma fala que faz corte, barrando o gozo, e, ao mesmo tempo, permite que uma “sobra”, um “resto” desse gozo escape e se eternize como falta, como objeto a, gozo faltante, causa de desejo, porque se fala para gozar. Gozo vazio de significante, contudo, simbolizado pelo gozo perdido. O gozo, para além de sua subjetividade, de seu caráter particular, descobre uma via de permanência, ainda que barrado em sua imanência, substituído pela palavra, aceitando sua lei, uma lei universal, a da castração, essa, simbólica, objetivada na **falta**. Seria essa via de permanência a construção de uma clínica do Real?